

Trabalho e migração no sudoeste do Pará: O caso de Altamira, Amazônia, Pará.

Odília Cardoso¹
Francisco Pereira Smith Júnior²

Resumo: O presente artigo proporciona uma reflexão sobre a imigração no sudoeste do Pará, através de narrativas que apresentam possíveis fatores de atração no processo de migração para a região de Altamira. Foram utilizados princípios de migração de Ravenstein (1980) e Lee (1980), além de conceitos sobre o que é um imigrante para Sayad (1998). Bem como o conceito de *entre-lugar* de Santiago (2000) e Hanciau (2005) em relação a infundável mistura na qual a comunidade Altamirense se encontra hoje. Klein (200) e Hall (2006) para compreender o que pode levar a crise dos atores sociais entrevistados na questão das identidades.

Palavras-chave: Narrativas de Migração. Imigração. Fatores de Atração.

Introdução

Ernest Ravenstein é conhecido por ter sido o primeiro teórico a tratar sobre migração no século XIX, geógrafo inglês, usou dados censitários da Inglaterra e Gales para desenvolver suas *Leis de Migração* originalmente publicado em 1889. Ele concluiu que a migração de maneira geral é governada pelo processo de expulsão e de atração, ou seja, em dado momento existem fatores que “expulsam” indivíduos de seu local de origem para outras regiões e existem fatores favoráveis em outras regiões que atraem tais indivíduos. Dentre as leis de Ravenstein (1980) podemos citar que os principais motivos que levam à ocorrência da migração é a busca por oportunidades econômicas melhores, quanto mais longe for o local de migração, menor será o fluxo, a migração, portanto ocorre em fases ao invés de um único movimento longo e diferencial migratório como gênero, classe social e idade influenciam na mobilidade das pessoas.

Muitos teóricos seguiram as ideias de Ravenstein, porém no século XX, o economista Everett Lee reformulou as teorias existentes e lançou contribuições na obra *Teoria de Migração*. Lee (1966) ressaltou o impacto que determinados obstáculos tem no processo migratório e como seria possível até mesmo prevenir a migração. Além disso, fatores subjetivos como laços familiares e românticos, conhecimento prévio da região que

¹ Aluna de Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFGA). Correio eletrônico: odiliacardoso86@gmail.com

² Professor Adjunto III da Faculdade de Letras – UFGA. Professor permanente e vice coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA). Correio eletrônico: fsmith@ufpa.br

recebe o imigrante, até mesmo fatores psicológicos que ocorrem durante este processo, podem facilitar ou retardar a migração. Estudiosos trataram sobre os mesmos aspectos, porém para Abdelmalek Sayad, sociólogo, argelino erradicado na França, estudou migração dada as suas próprias condições e se tornou grande colaborador com suas obras de 1975 a 1988 também no século XX, nos quais apresenta o migrante sempre encarado como uma força de trabalho provisória, e em constante transito. Sayad (1998) reflete que o trabalho e a estadia estariam diretamente relacionados e o imigrante só é interessante enquanto trabalha para atender a determinadas necessidades do local para o qual migrou, portanto sua presença social está diretamente ligada ao seu trabalho, o imigrante assim é visto pela sociedade que o recebe como alguém extra, e por causa disso ocupa lugar na linha de frente dos acometidos em qualquer sinal de irregularidades econômicas e até mesmo sociais na região que o recebe. Nessa dimensão, sofrem preconceitos e xenofobias constantes além de sempre carregarem aquele ar de “roubar” a vaga ou o trabalho de algum nativo da região. Para Klein (2000, p. 30) “existiu todo tipo de preconceito contra todos os estrangeiros em todas as nações americanas”. No cerne dessa questão, o imigrante que a qualquer momento vai embora por não ser da região, não usufruir dos mesmos privilégios dos nativos ou de até mesmo de outros imigrantes que ganharam certo respeito ou tolerância por estarem a mais tempo no mesmo local.

Imigração nos últimos 50 anos

Apresentado tal cenário dos séculos anteriores, quais fatores estimulam as pessoas a migrarem nesta primeira metade do século XXI? Emprego, amor, aventura? Seriam banalidades? Para Sayad (1998) trata-se sem dúvida de uma trivialidade, porém necessária, já que existem fatores além do capitalismo que explicam o processo de migração, dizer que é um ‘fato social completo’ e converge com as ciências sociais, além do espaço de deslocamento ser físico, é também qualificado socialmente, economicamente, politicamente e em especial culturalmente através da língua e religião. O desejo de ir além, de almejar mais, ter necessidades que impulsionam às mudanças é como o autor chama de ‘fato social total’, já que falar em imigração é discutir sociedade do ponto de vista histórico, é entender que toda e qualquer sociedade tem seus imigrantes e estes correm o risco de serem aceitos ou não, de terem alguma função que atenda a determinados interesses já que este integrante tem suas origens em outro lugar e entender também que tal público também migra por questões pessoais.

Ao apresentar narrativas de migração, no sudoeste do Pará, tentar-se-á trazer a tona quais seriam os possíveis fatores de atração ao espaço em questão, tais fatores são os mesmos do século anterior? Ou modificaram totalmente? Responder a tais questionamentos nos remete a um breve histórico do município de Altamira no sudoeste do Estado do Pará, no que diz respeito sobre a importância histórica que a rodovia Transamazônica tem no processo de migração existente.

A Transamazônica foi construída em período de regime militar no Brasil nos anos 60 e tinha como objetivo interligar regiões e proporcionar povoamento, o que para Sayad (1998) significaria atender aos interesses políticos do Estado, povoando com o *slogan* “homens sem terra para terra sem homens” também havia a promessa de ascensão econômica dada a oportunidade de ocupar um espaço pouco povoado e aparentemente sem dono. Com tal promessa o fluxo nesta rodovia foi crescendo por grupos familiares advindos de algumas regiões em busca de suprirem suas necessidades básicas ao interligar os Estados da Paraíba, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, proporcionando assim a convivência entre indivíduos de pequenas comunidades locais e de origens geográficas distintas. Esta relação terra-trabalho nos rememora o principal fator de atração no final do século XIX e início do século XX em especial na América do Norte descrito por Klein (2000) como espaços com terras em abundância, porém sem homens para cultivá-la ou sem mão de obra qualificada para atender às demandas. Com relação à possibilidade de obter terra, Klein (2000, p.16) explica que “com a terra tão barata – novamente em comparação com os padrões europeus – era grande a probabilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas próprias fazendas, muitas vezes num período de tempo muito curto após a chegada”. O autor nos leva ao seguinte questionamento, como a mão de obra local era escassa se havia milhares de índios na América nesta época? e nos guia a refletir sobre esta mesma questão no século XX na década de 60 quando da mesma forma tornou-se necessária a política de povoamento para o Sudoeste do Pará, estaria esta região de fato inabitada? O fato é que a migração foi impulsionada politicamente e como tudo que é atípico trouxe consigo alguns impasses, desde o ponto de vista da sociedade que já residia à sociedade que veio residir. O contato dos imigrantes com as comunidades locais se deu de diversas formas, algumas benéficas, outras nem tanto, porém houve evolução da região do ponto de vista capitalista e social. Na década de 60 e 70 o sonho permanecia o mesmo, migrar para esta região, ascender economicamente, enviar auxílio a alguns membros familiares que permaneceram e um dia retornar, constituindo assim uma espécie de ciclo que Sayad (1998) trata como uma sensação de provisoriade, na qual o imigrante sonha em retornar permanentemente ao seu local de origem após ascensão econômica.

Cinquenta anos após tal período de povoamento familiar, outra questão que promoveu alto fluxo de pessoas à cidade de Altamira na primeira metade do século XXI, desta vez pela Transamazônica adaptada e reformada para atender aos critérios de grandes projetos desenvolvimentistas, foi à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na bacia do rio Xingu, a qual teve o início de suas obras em 2011, após liberação da licença cedida pelo IBAMA à empresa Norte Energia como relata o jornal online local, *O Xingu*. O desenvolvimento desta obra trouxe à comunidade altamirense, pessoas que vieram não só a trabalho, mas em busca de aventuras que a floresta amazônica poderia proporcionar e, portanto vieram para residir neste local, com este toque de subjetividade o processo migratório se energizou ainda mais.

Narrativas de migração em Altamira-Pará

Desta vez além de emprego, havia a promessa também de descoberta do espaço diferente de seu local de origem e descoberta de si próprio já que estava tão longe de casa, e talvez longe de possíveis julgamentos como relata Carlos Eduardo, um jovem adulto de 24 anos, solteiro, mineiro, recém-formado em turismo, na época que veio à cidade estava desempregado, caí em Altamira de paraquedas, vim pra cá na melhor época da usina Belo Monte, vim porque meu amigo me chamou e disse que o trem tava bom aqui, vim pensando, se tem tanta gente de fora, tanta gente indo pra lá, então com certeza vão precisar de um guia turístico, vai que me surpreendo, e como na minha cidade não tava trabalhando, não sabia mais o que procurar, então casquei fora, não fazia nem ideia de como era por aqui, só conhecia o que já se dizia por lá, mas sabia que não era só o que eu ouvia então tinha que vir e viver isso, me senti livre pela primeira vez, agora como é que vai guiar sem conhecer?



Fig. 1 - Logo fantasia do ator social em questão.

Conheci tudo e comecei a negociar com os barqueiros minha entrada nos passeios pra ir apresentando aos recém-chegados todas as possibilidades na cidade e arredores, gente de todo lugar inclusive de Minas, me relacionei logo de cara, pessoas que lá em casa normalmente não me daria muito bem, mas aqui ficamos amigos porque tínhamos histórias em comum. Combinava cinquenta reais para *tour* pessoal e personalizado, estudava as preferencias das pessoas

pelo *facebook* e já chegava apresentando o que eu achava que ia dá joinha. Tal ator social teve como primeiro fator de atração à possibilidade de emprego numa região que talvez ainda não tivesse sido explorada, porém a sensação de aventurar-se e estar longe da vista dos pais, lhe falou mais alto e pesou na decisão de residir em Altamira.

Outro caso desta vez de migração familiar, é o de Juracyr ou simplesmente Seu Jura como os “chegados” os chamam, 54 anos, paraense, casado e com quatro filhos, mudou-se três vezes em busca de extrativismo de castanha do Pará, principal atividade de renda desde sua cidade de origem, Almerim localizada no oeste do Pará. Seu Jura relata que perdeu espaço para pessoas que vieram de fora e modernizaram o extrativismo da castanha sentindo-se obrigado a ir para outras regiões rurais, nas quais a domesticação ainda não havia chegado, isso aqui que eu faço, demora, leva muito tempo, mas quem compra não entende, não entende que tudo começa na limpeza ao redor da castanheira, na coleta dos ouriços que muitas vezes machuca, o pé, a mão e até a cabeça de quem vai apanhar. A gente coloca os fio pra ajudar, ai eles quebram o ouriço e tiram as castanha, ai vem a mulher e lava e põe pra secar, todo mundo ajuda, todo mundo faz alguma coisa, agora ninguém pode quebrar a castanha, se não descascar direito, ai não vende no preço que a gente quer, no preço que a gente precisa.

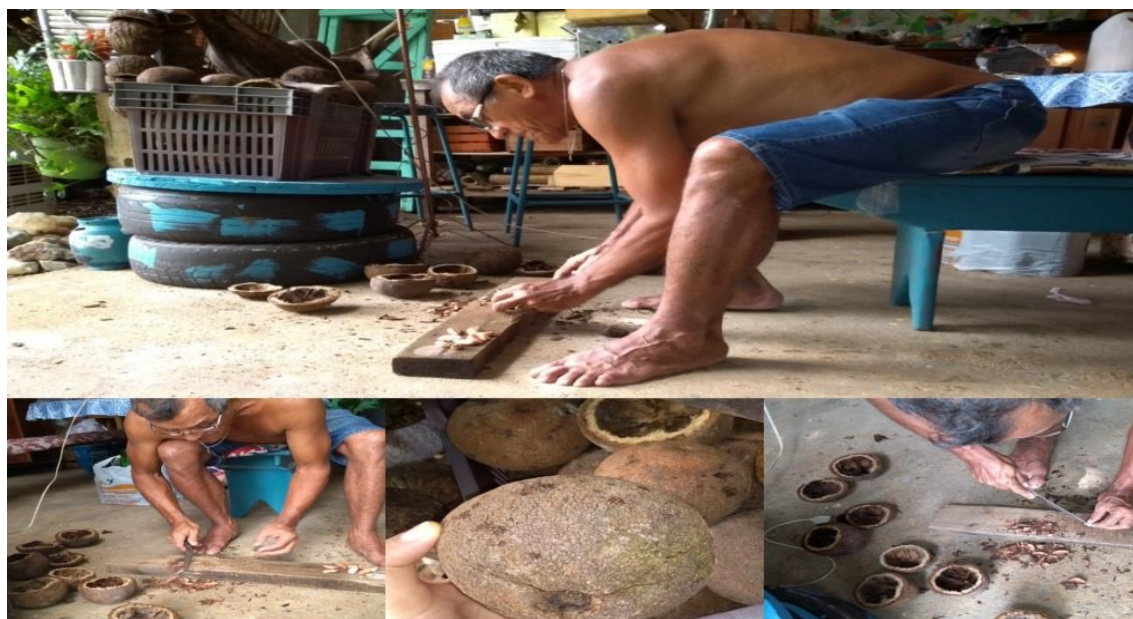


Fig. 2 - Extrativismo em casa. Foto e *layout*: Odília Cardoso

Ficou difícil continuar esse trabalho em casa, a indústria grande vem e o nosso trabalho diminui, ai a gente acaba aceitando o preço que eles oferece, então um primo contou pra gente que lá pro lado de Altamira o trabalho com a castanha ainda era bom numa vila lá, sentei com a minha esposa e expliquei pra não se arrepender depois. Ela reclamou, mas veio junto, e agora tamo todos aqui, ainda tá melhor que lá em casa, mas agora aqui é casa também né, o mais novo vai pra aula aqui também, fez amigos, a gente se acostuma, a extração aqui ainda é boa. Moramos do lado do meu primo, ele ajuda, a igreja ajuda, tá indo.

Diferente dos dois casos anteriores, Joaquim Cruz, músico, 32 anos, paraense do município de Tucuruí, migrou para Altamira, em busca de outro tipo de subjetividade, amor à música e a uma pessoa, por que eu vim pra Altamira? Nasci e me criei em Tucuruí, sempre quis ser

músico desde sempre, aí toquei em todos os points da cidade, eu e minha banda até fizemos sucesso, mas o envolvimento de alguns com álcool e drogas fez a banda terminar.



Fig. 3 - A garota da canção. Foto e layout: Odília Cardoso

Tentei novamente montar umas bandas, mas não deu muito certo. Comecei a tocar na igreja como voluntário, e depois de um tempo fiz uns cursos de administração pra seguir com a vida já que a música na minha cidade, não me dava retorno oh, no meio disso tudo, conheci uma garota e me apaixonei logo de cara, o problema é que ela morava mais ou menos 400 km de distancia, aí fiquei pensando, será que em Altamira tem espaço pra mais um músico? Fiquei preocupado oh, com emprego, mas o coração falou mais alto, então foi assim que eu vim, arrumei minhas coisas e vim morar pra cá. Tô noivo e agora toco música só pra ela porque aqui viver de músico também não dá dinheiro, mas tô fazendo outras coisas, tô estudando, fazendo uns bicos, mas tô com ela e só isso já é melhor do que estar aonde eu estava.

Chegados a este ponto, tais atores sociais pensam em retornar as suas origens? Talvez, mas os fatores de atração da atualidade fazem com este processo de retorno se dissipe cada vez mais, talvez por atenderem mais ao perfil do migrante do século XXI, subjetividades como bem-estar mental, relacionamentos, aventuras, trabalhar em algo que lhe traz satisfação ao invés de necessidade, ganham cada vez mais o espaço no processo migratório.

Respeito ao outro no entre-lugar

Segundo Santiago (2000) o entre-lugar define-se como “intermediário e paradoxal” em seu ensaio intitulado *O entre-lugar do discurso latino americano* que não atende nem ao passado nem ao presente totalmente, mas sim à mistura de ambos, assim como refletiria as origens e tradições do imigrante somadas à cultura da sociedade que o recebe, esta que passa a ser sua também, provisória ou não, fato que não significaria perda e sim ganho de ambas as partes envolvidas. Assim como Hanciau (2005) historiadora e

doutora em literatura comparada, corrobora com Santiago ao expor as várias denominações para tal espaço:

Entre-lugar (S. Santiago), lugar intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspace* (revista *Chora*), *in-between* (Walter Dignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento), o que para Régine Robin representa o *hors-lieu*, eis algumas entre as muitas variantes para denominar, na virada de século, as “zonas” criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura europeia. (HANCIAU, 2005, p.127).

O que significaria romper com velhos costumes, valorizar a heterogeneidade cultural e respeitar a voz do *outro*, não instigado por curiosidade ao exótico, que é diferente, mas por de fato acreditar que este tem algo a contribuir independente de sua denominação. Tomemos como exemplo do *outro*, o guia turístico apresentado anteriormente, quando confessa se sentir deslocado em meio a tantas diferenças culturais na região, minha esposa faz doces mineiros pra vender no fim de semana, começou fazendo pra mim, pra me deixar feliz quando bate aquela saudade de casa, na verdade a receita dela nunca é a mesma, já trocou alguns ingredientes, mas acredito que ficou melhor, porque agora agrada todos os gostos e pra vendinha é bom, ficou mais a cara de Altamira, mistura de cheiros, de sabores, de pessoas, tão misturado que às vezes fico meio perdido pensando em voltar, sem saber se posso chamar esse lugar de meu, sem muitos amigos por aqui, mas então um contato novo aparece e tudo se renova. Estaria Carlos Eduardo no *entre-lugar*? Sempre na expectativa de algo melhor surgir ou de voltar para suas origens, mas, além disso, estaria tal ator social em busca de aceitação? Mudou-se, empregou-se, casou-se com alguém que veio pelos mesmos motivos, tudo isso deveria ser suficiente para chamar Altamira de sua, afinal constituir família em espaço heterogêneo como este não é tarefa fácil para nenhum imigrante dado o fluxo de migração, volatilidade de empregos e desempregos, e contato com tamanha diversidade numa espécie de organização própria.

Esta organização própria enfrenta um tipo de desafio das misturas, algumas impostas, outras que simplesmente se formaram impulsionadas pelos atrativos que ali residem. Para Hanciau (2005) ao tratar da origem da mestiçagem no final da expansão ultramarina do século XV, faz um breve panorama de como ainda é possível observar hoje resquícios de um conceito que emergiu neste período:

O fenômeno da mistura tornou-se realidade cotidiana, visível nas ruas e nas telas. Multifforme e onipresente, associa seres e formas que, *a priori*, nada aproximaria. Esta telescopagem de estilos prolifera, surpreende e sacode as referências tradicionais. Um mundo moderno, homogêneo e coerente vai ceder lugar a um universo pós-moderno, fragmentado, heterogêneo e imprevisível. Misturar, entrecruzar, cruzar, telescopar, superpor, justapor, interpor, imbricar, colar, fundir, são algumas palavras entre tantas outras aplicadas à mestiçagem, que abafam – numa profusão de vocábulos – a imprecisão das descrições e o fluxo do pensamento. Em princípio a expansão colonial misturou o que não

estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, elementos homogêneos, isentos de qualquer “contaminação”. (HANCIAU, 2005, p. 131).

A respeito dessa fragmentação Hall (2006) alerta que a identidade está em crise e o indivíduo moderno está fragmentado. O autor também nos faz refletir sobre o que potencializa esta crise e quais são suas principais consequências:

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12).

O autor reflete ainda que este processo vê a identidade como uma “celebração móvel”, na qual não há unificação identitária, mesmo que fabulosamente acreditemos que há, portanto, ao invés disso, nós seres pós-modernos, como o próprio autor denomina, temos infindáveis opções de identidade com as quais teríamos afinidade, mesmo que isso nos desconcerte de alguma forma.

Considerações finais

Não se pode escrever sobre migração sem mencionar que o primeiro fator de atração que leva as pessoas a migrarem tem sido sempre a possível melhora de vida, diretamente relacionado às necessidades econômicas que parecem só aumentar com o passar dos anos, mas seria este o único e principal fator? Além do fator econômico, respondendo em parte aos questionamentos iniciais, já que aqui não há coerção de nenhum tipo, fatores de atração, para um determinado espaço, variam de acordo com a necessidade e consciência individual de cada um, trazem consigo uma carga de subjetividades e valores, por vezes mal interpretados do antigo para o mundo atual, até porque não estamos livres de coerções sociais.

Desta forma, É possível observar que o fator econômico ainda é importante, porém na atualidade faz parte de um pano de fundo composto por diversos outros fatores que se projetam além do que as sociedades de partida e de chegada precisam, e refletem muito mais a carência individual da pessoa que migra, mesmo sabendo que para onde se pretende migrar não há grandes oportunidades de emprego ou desenvolvimento urbano,

porém há a possibilidade do desconhecido, do novo, do diferente e talvez seja exatamente disso que as pessoas precisam de mudança.

Referências

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. Conceitos de Literatura e Cultura. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora, UFJF, 2005.
- KLEIN, Herbert S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo, 2ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- LEE, Everett S.(1966). Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.
- RAVENSTEIN, Ernest G. As leis das migrações. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: In: Uma literatura nos trópicos. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou o Paradoxo da Alteridade. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- Notícia. Usina Hidrelétrica de Belo Monte em pauta. Disponível em: <https://oxingu.com/altamira/belomonte>> Acesso em: 12/12/2017.

Abstract: This article provides a reflection on immigration in the southwest of Pará, through narratives that present possible factors of attraction in the process migration to the region. Ravenstein (1980) and Lee (1980) migration principles were used, as well as concepts about what an immigrant is to Sayad (1998). As well as the concept of between-place of Santiago (2000) and Hanciau (2005) in relation to the endless mixture in which the community of Altamirica is today. Klein (2000) and Hall (2006) to understand what can lead to the crisis of social actors interviewed in the issue of identities.

Keywords: Migration Narratives. Immigration. Factors of Attraction.